O PODER DO DISCURSO HEGEMÔNICO: A INFLUÊNCIA DA NARRATIVA BOLSONARISTA NO COMBATE À PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL

IVAN SOUZA DE ABREU
Mestrando no Programa de Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense
Bolsista CAPES
E-mail: ivansouzadeabreu@gmail.com

MARLENE SOUZA DOS SANTOS
Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense
Bolsista FAPERJ
E-mail: nenasouza05@gmail.com

IGOR SOUZA DE ABREU
Graduando em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Norte Fluminense
Bolsista FAPERJ
E-mail: igorsouzadeabreu@gmail.com

Introdução

A pandemia do Coronavírus trouxe à tona discussões sob diferentes contextos sociais, econômicos, culturais e políticos. As iniquidades em saúde, o papel da ciência, a velocidade com que as informações nos chegam colocam as Ciências Sociais e Humanas como importantes instrumentos para reflexão. Partimos da constatação de que a letalidade do Coronavírus está associada diretamente à desigualdade social no Brasil e no mundo.

Ao lançarmos um olhar mais atento aos reflexos dessa nova realidade, objetivamos no presente trabalho, por meio de levantamento bibliográfico, discutir como a política de saúde tem sido atravessada por interesses direcionados a lógica do mercado e, consequentemente, como isso se reflete na população em função da pouca transparência das informações veiculadas pelo poder público à sociedade. Na medida em que a comunicação se expressa como tema estratégico para as políticas públicas, observamos que no cenário atual a informação e a mídia são determinantes para o avanço da doença e aumento no número de mortes.

1. Fundamentação teórica

O avanço e disseminação do populismo nacionalista de direita promoveu e propagou a naturalização de discursos e práticas explícitas de racismo, xenofobia dentre tantos outros ao mesmo tempo em que os líderes desses mesmos países defendem e adotam políticas que acabam por consubstanciar essas práticas e discursos que reforçam a desigualdade (ACHIUME, 2018, p.142).

No Brasil, com a eleição do presidente Jair Bolsonaro e sua consequente gestão desde 2019, o que pôde-se verificar foi um acirramento destas práticas e discursos na medida em que ambas as colocações estariam alinhadas à materialização de um modelo político novo, o *bolsonarismo*, pautado então na manipulação e falsificação de notícias, ataques a qualquer mecanismo de contestação sejam eles oriundos das entidades civis ou científicas, e principalmente pela reordenação das prioridades nacionais, antes econômicas e sociais, para um novo ordenamento, o moral (GOMES, 2020).

Educação, moradia, pobreza, desigualdade e saúde, os problemas sociais tradicionais foram abruptamente substituídos pelo problema moral da corrupção. Desde as eleições de 2018, ainda nas campanhas eleitorais a palavra-chave para fortalecimento da direita foi o combate à corrupção. A promessa de uma sociedade solidificada nos valores morais, na família e religião como pilares centrais para o bom funcionamento do Estado, contrariando a perspectiva da laicidade do Estado foram fortificados com a vitória do então candidato Bolsonaro ao cargo de Presidente da República. Gomes (2020) denota que a etimologia do termo corrupção tem origem no vocabulário religioso, essencialmente significando uma degradação moral.

O atual governo não tem, nesta perspectiva, medido esforços para combater quaisquer entraves ou desvios de comportamentos que coloquem em xeque o funcionamento de uma sociedade embasada nestes pilares, mesmo que signifiquem retrocesso em importantes direitos sociais e políticos, ou que impactem nas condições materiais de vida dos sujeitos. A moral sobrepõe a cidadania em todos os níveis, do governo ao indivíduo.

A esquerda não havia corrompido apenas o sistema político, mas também importantes valores e costumes sociais. Os ataques às universidades públicas, associando-as à promiscuidade e ao uso de drogas, o combate à educação sexual nas escolas dentre outros tornaram-se questões centrais a serem resolvidas pelo novo governo. Resolvidas

às custas de violência, de retrocessos de direitos com larga utilização da veiculação de notícias e informações falsas em canais de comunicação (GOMES, 2020).

> Particularmente eficiente como estratégia de convencimento das pessoas foi a narrativa sobre a corrupção das criancinhas. O contraste entre, de um lado, a pureza da alma infantil e a inocência dos seus corpos, e, de outro, a malignidade dos adultos sem fé e sem Deus, desenhava um quadro assustador. A esquerda e o PT foram apresentados como abortistas, corruptores da infância, defensores da pedofilia, arautos do sexo desregrado, paladinos da homossexualidade, advogados de modelos infames de família e da arte degeneradas, inimigos da religião, da pureza, de Deus, enfim. (GOMES, 2020, sp.)

Mesmo hoje em 2020, em meio a uma crise sanitária mundial e uma pandemia que tem dizimado pessoas no país e no mundo, a principal estratégia do governo tem sido a veiculação de informações falsas. "*Fake news* matam pessoas, como estamos vendo na pandemia. *Fake news* modificam resultados eleitorais, destroem carreiras públicas de inocentes, enganam eleitores, intimidam e assediam jornalistas [...]" (GOMES, 2020).

Apesar do crescente aumento do número de óbitos decorrentes da pandemia e da falta de articulação política, tem se percebido um recente aumento da popularidade do presidente Bolsonaro no país. Tal fenômeno tem uma explicação bastante questionável, o auxílio emergencial, que, se por um lado socorreu parte dos desempregados, famílias de baixa renda e trabalhadores informais do país, por outro segundo os dados disponibilizados pelo Conselho Nacional de Saúde (2020) através do Boletim da Comissão de Orçamento e Financiamento-Cofin, evidencia que 33% dos recursos dos R$ 39,2 bilhões disponibilizados para o enfretamento do novo coronavírus, estão parados sem uso no orçamento do Ministérios de Saúde.

É possível analisar o auxílio emergencial aprovado pelo governo como forma de encobrir o déficit da saúde. As condições sociais da população têm se mostrado determinantes para o avanço da doença e aumento no número de mortes. A mídia noticiou à exaustão as filas e aglomerações decorrentes dos problemas que os beneficiários enfrentaram para o recebimento do benefício, o que pode ter contribuído para o aumento

do número de contaminações, sendo assim, nesse caso “primeiro vem o estômago, depois a moral.” (BRECHT,1928).

2. Resultados alcançados

No Brasil o primeiro caso de coronavírus foi confirmado no dia 26 de fevereiro, e passados sete meses o país conta na presente data, com 139.294 óbitos registrados e 4.634.468 diagnósticos de Covid-19. A crise sanitária aliada à falta de articulação e coordenação do governo federal junto a estados e municípios e as demissões no Ministério da Saúde, primeiro com a demissão de Luiz Henrique Mandetta e posteriormente do seu substituto Nelson Teich evidenciaram a inexistente articulação entre ministros e o presidente que desde o princípio da pandemia mostrou-se contra o isolamento social e às restrições e fechamento do comércio.

Sob comando do general Pazuello, empossado no dia 16 de setembro após quatro meses como ministro interino, o distanciamento social perdeu força e o discurso do atual comandante da pasta segue alinhado ao do presidente, onde pouca visibilidade se dá a Covid-19. Além disso, a pasta perdeu técnicos com vasta experiência no SUS e nomeou militares para postos estratégicos.

A falta de articulação entre os setores governamentais deixa claro o pouco interesse em relação questões como “a realidade de redução da renda, a dificuldade de acesso às políticas de renda mínima, a deficiência da rede de assistência farmacêutica”. O que se percebe é que o poder público desconsidera os determinantes sociais da saúde, as condições de vida da população, transformando-a em números. (FIOCRUZ, 2020, p. 40)

O uso de máscaras e o distanciamento social são, segundo cientistas de todo o mundo, a única forma de controle da disseminação do vírus até que se aprove a vacina. Segundo dados recentes da Sala de Situação Covid-19 nas Favelas vinculada ao Observatório Covid-19 da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), “a maior ocorrência da doença nos adultos pode estar associada a maior circulação e contato social desse grupo que trabalha [...] e por essa razão não estão em distanciamento social ” (FIOCRUZ, 2020, p.33). A flexibilização das atividades com a abertura precoce de vários setores e a volta ao trabalho não essencial é responsável pela maior circulação do vírus e por conseguinte o aumento de pessoas contaminadas, reforçando o entendimento de que a crise sanitária

traz à tona a desigualdade social uma vez que os trabalhadores são obrigados a retornar a atividade mesmo colocando em risco sua saúde.

Por conseguinte, o negacionismo evidente nas manifestações, falas e aparições públicas do presidente foram estratégias que se mostraram eficientes. “Estratégias políticas em geral supõem uma cultura política centrada no consumo de imagens públicas” (GOMES,2014), recurso amplamente utilizado durante os primeiros meses da pandemia. Segundo Gomes (2014), é necessário que “os discursos políticos predominantes sejam organizados de acordo com a gramática específica das linguagens dos meios onde devem circular”. A linguagem do espetáculo e do escândalo de Bolsonaro atingiu um público considerável, tirou o foco das questões centrais e por hora tem mantido sua popularidade em alta.

Conclusões

Desde o seu início, a Organização Mundial da Saúde (OMS) vem orientando a população sobre as medidas de prevenção ao vírus que incluem desde a higienização das mãos, etiqueta respiratória, o distanciamento social, a manutenção da ventilação em ambientes fechados à outras práticas que se desvelam impossíveis de serem realizadas por determinados segmentos sociais.

A saúde tornou-se uma questão fulcral no país e no mundo, de forma que a mesma vem sendo debatida pelas diferentes entidades representativas da sociedade numa perspectiva de ampliar os horizontes acerca dos impactos que a nova realidade tem propiciado sobre a população mundial. O fato é, que a pandemia por mais que tenha acirrado as desigualdades sociais no país, não representa as razões pelas quais essas diferenciações se perpetuam na sociedade.

Referências bibliográficas

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Boletim Cofin 2020/07/22 (dados até 21/07/2020) Comissão de Orçamento e Financiamento (CNS). *Disponível em* http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/cofin/boletim/Boletim_2020_0722_T1_2_3_G1_ate_21_RB-FF-CO_com_resumo.pdf. Acesso em 30 jul.2020.

BRECHT, Bertold. A **ópera dos três vinténs.** 1928 Disponível em file:///C:/Users/User/Downloads/A%20%C3%93pera%20de%20Tr%C3%AAs%20Vint%C3%A9ns%20-%20Bertolt%20Brecht%20(1).pdf. Acesso em 12 jul.2020.

FIOCRUZ. BOLETIM SOCIOEPIDEMIOLÓGICO DA COVID-19 NAS FAVELAS. Análise da frequência, incidência, mortalidade e letalidade por COVID-19 em favelas cariocas N:01/2020 Disponível:portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_socioepidemiologicos_covid_nas_favelas_1.pdf Acesso em: 23, set. *2020.*

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.

_____. Sobre falsificadores de informação e traficantes de notícias falsas. **Cult.** São Paulo, ano 202. Exclusivo do site. Disponível em https://revistacult.uol.com.br/home/sobre-falsificadores-de-informacao-e-traficantes-de-noticias-falsas/. Acesso em 10, jun. 2020.

_____. Fake news se resolve com leis? **Cult.** São Paulo, ano 2020. Exclusivo do site. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/fake-news-se-resolve-com-leis/. Acesso em: 8, ago. 2020.

_____. O bolsonarismo e o admirável mundo novo depois do fim da corrupção. São Paulo, ano 2020. Exclusivo do site. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/o-bolsonarismo-e-o-admiravel-mundo-novo-depois-do-fim-da-corrupcao/. Acesso em: 30, ago. 2020.